

PREVALÊNCIA E FATORES RELACIONADOS A TRANSTORNOS MENTAIS COMUNS ENTRE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE UMA UNIVERSIDADE FEDERAL BRASILEIRA

PREVALENCE AND FACTORS RELATED TO COMMON MENTAL DISORDERS AMONG UNIVERSITY PROFESSORS OF A BRAZILIAN FEDERAL UNIVERSITY

Gláucia Guimarães de Souza Neme

Mestre, Programa de Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
glauguimaraes@yahoo.com.br

Jean Ezequiel Limongi

Doutor, Programa de Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
jeanlimongi@gmail.com

RESUMO

Objetivo: descrever as características sociodemográficas, condições e organização do trabalho, carreira docente, hábitos de vida e antecedentes patológicos entre professores de uma Universidade Federal Brasileira, além de pesquisar a prevalência de transtornos mentais comuns e sua relação com as variáveis em estudo. **Métodos:** Foi realizado um estudo transversal, mediante aplicação de um questionário estruturado, autoaplicável e um instrumento padronizado e validado no Brasil, o *Questionário de Saúde Geral de Goldberg* (GHQ-28). **Resultados:** Foram entrevistados 351 docentes. A prevalência de transtornos mentais comuns foi de 29,6%. Como fatores de risco foram detectados o ritmo acelerado de trabalho e relacionamento ruim com os colegas de trabalho e, como fator de proteção, a prática de exercícios físicos. **Conclusão:** As altas demandas de trabalho podem influenciar relacionamentos interpessoais prejudiciais e vice-versa. É fundamental a adoção de práticas para promoção da saúde, incentivando a realização de atividade física, assim como a busca de equilíbrio no trabalho com manutenção da cordialidade entre os profissionais envolvidos.

Palavras-chave: Professores universitários. Saúde do trabalhador. Transtornos mentais.

ABSTRACT

Objective: to describe the sociodemographic characteristics, work conditions and organization, teaching career, lifestyle habits and pathological antecedents among the teachers of a Brazilian Federal university, as well as a prevalence of common mental disorders and its relationship with variables in study. **Method:** A cross-sectional study was carried out using a structured, self-administered questionnaire and a standardized instrument validated in Brazil, the Goldberg General Health Questionnaire (GHQ-28). **Results:** 351 teachers were interviewed. The prevalence of common mental disorders was 29.6%. As risk factors were detected the fast work rate and bad relationship with co-workers and, as a protection factor, the practice of physical exercises. **Conclusion:** High job demands can influence harmful interpersonal relationships at work and vice versa. It is fundamental to adopt practices for health promotion, encouraging the accomplishment of physical activity, as well as the search for balance in the workplace with the maintenance of cordiality among the professionals involved.

Keywords: University professors. Occupational health. Mental disorders.

Recebido em: 01/05/2019

Aceito para publicação em: 26/08/2019

INTRODUÇÃO

Os riscos à saúde do trabalhador são, tradicionalmente, classificados como químicos, físicos, biológicos e ergonômicos, embora se destaque também os riscos psicossociais (CARAN et al., 2011). Dessa forma, a saúde do trabalhador adota uma visão da relação entre o trabalho e o processo de saúde-doença que supera aquela do ambiente e seus agentes e insere neste contexto a interação entre o biológico e o psíquico, que pode desencadear transtornos que se somam às doenças ocupacionais clássicas, aos acidentes do trabalho e às doenças relacionadas ao trabalho (CARLOTTO et al., 2019).

As relações de trabalho nas instituições educacionais de ensino superior público, considerando especificamente o trabalho docente, utiliza critérios exclusivamente quantitativos para a avaliação da produção (BOSI, 2007; RESENDE, 2005). Esse quadro favorece significativo desgaste biopsíquico do profissional, produzindo um deslocamento do perfil das doenças relacionadas ao trabalho, destacando-se na atualidade, doenças como hipertensão arterial, doenças coronarianas, osteomusculares câncer e transtornos mentais (CORTEZ, 2017).

O Transtorno Mental é uma síndrome caracterizada por perturbação clinicamente significativa na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo que reflete uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental. Os transtornos mentais estão frequentemente associados a sofrimento ou incapacidade significativos que afetam atividades sociais, profissionais ou outras atividades importantes (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

O Transtorno Mental Comum (TMC) é aplicado a indivíduos que apresentam sinais ou sintomas como irritação, ansiedade, depressão, insônia, fadiga, dificuldade de concentração, esquecimento, acarretando desdobramentos de cunho biológico, cultural, social, político e econômico, apresentando alta prevalência na população mundial (LUCCHESSE et al., 2014). Podem alterar ainda o humor e os pensamentos, causando tristeza excessiva e angústia permanente, culminando em transtornos no âmbito pessoal, social, laboral e ocupacional (SANTOS & SIQUEIRA, 2010).

No Brasil, estudos sobre TMCs já foram realizados entre idosos (prevalência 55,8%) (SILVA et al., 2018), adolescentes (prevalência 30,0%) (LOPES et al., 2016), pessoas que sofreram violência física (prevalência 33,6%) (LOPES et al., 2015), mulheres gestantes que tentaram aborto (prevalência 43,1%) (LUDERMIR et al., 2010), e indivíduos da população geral urbana (prevalência 29,9%) (ROCHA et al., 2010). Entre docentes, a presença de TMCs já foi relatada, tanto no ensino básico/médio, quanto no nível superior. Estudos conduzidos por meio de análises de prontuários (BASTOS et al., 2018; CARLOTTO et al., 2019) ou por cortes transversais (BALDAÇARA et al., 2015; MACHADO, 2017; TOSTES et al., 2018) sempre apresentam prevalências consideráveis, demonstrando a importância desta temática no campo da Saúde do Trabalhador. No entanto, em geral estes estudos não associam a prevalência de TMCs com outras variáveis pesquisadas.

O objetivo do estudo foi descrever as características sociodemográficas, condições e organização do trabalho, carreira docente, hábitos de vida e antecedentes patológicos de docentes de uma Universidade Federal Brasileira, além de pesquisar a prevalência de TMCs e sua relação com as variáveis em estudo.

METODOLOGIA

Foi realizado um estudo transversal, entre os docentes de carreira de uma Universidade Federal Brasileira durante o período de julho de 2016 a maio de 2017. O instrumento de coleta de dados utilizado foi constituído por duas partes: a primeira foi elaborada pelos próprios pesquisadores, composta por dados sociodemográficos (sexo e idade), antropométricos (peso e altura e Índice de Massa Corporal-IMC), antecedentes patológicos (hipertensão arterial sistêmica, diabetes mellitus, dislipidemias, tireoidopatias, cardiopatias, pneumopatias e neoplasias), hábitos pessoais de vida (prática de atividade física, uso do computador em casa, tabagismo e etilismo), carreira de docência (tempo de docência total, de docência no ensino superior e na instituição em estudo, principal função, carga horária e recebimento de bolsa de produtividade) e condições e organização do trabalho (ergonomia do ambiente de trabalho, relacionamento com colegas e chefia, satisfação pelo trabalho).

A segunda parte do instrumento correspondeu ao Questionário Geral de Saúde, desenvolvido por Goldberg na sua versão inicial em 1972, para identificar, tanto a incapacidade para realizar as atividades que são usuais nas pessoas, quanto o aparecimento de fenômenos estressantes novos e consiste em uma medida de auto resposta utilizada, universalmente, para avaliar perturbações psiquiátricas não psicóticas (GOLDBERG, 1979; RIBEIRO; ANTUNES, 2003). O referido questionário apresenta em sua versão original 60 questões, sendo também aplicado nas versões com 30, 28, 20 e 12 itens. Para este estudo foi utilizado o questionário constituído por 28 itens, concebido por Goldberg e Hillier, em 1979, conhecido pelo acrônimo original *GHQ-28* (RIBEIRO; PAIS, 2015), por representar a versão mais conhecida e popular do questionário. O *GHQ-28* avalia o estado atual do indivíduo e identifica se este estado difere do seu habitual. É sensível a perturbações psiquiátricas recentes, mas não a estados estáveis com existência prolongada (GOLDBERG, 1978).

O *GHQ-28* foi dividido em 4 subescalas, apresentando 4 dimensões, distribuídas da seguinte forma: questões de 1 a 7, relacionadas à sintomas psicossomáticos; de 8 a 14, à ansiedade e insônia; de 15 a 21, à disfunção social e de 22 a 28, à depressão grave, configurando um questionário que possibilita examinar um perfil de pontuação ao invés de uma única pontuação. As propriedades métricas de tal questionário estão bem estabelecidas internacionalmente, estando demonstrado que a versão portuguesa do questionário apresenta uma estrutura equilibrada, semelhante a que é apresentada pela versão original dos autores, o que facilita sua utilização em investigação (RIBEIRO; PAIS, 2015).

Para cada pergunta existiram 4 alternativas, para as quais são atribuídas notas que podem variar na forma de cotação de um autor para outro. Nesta pesquisa foi utilizado o escore 0-0-1-1 por representar o método defendido pelo autor do teste (GOLDBERG; GATER, SARTORIUS, 2007). Foi utilizado como ponto de corte o valor ≥ 4 , acima do qual o indivíduo foi considerado positivo para TMC.

Para determinação da amostra foi considerado a população de 1486 docentes de cursos de graduação, distribuídos em 29 unidades acadêmicas de uma Universidade Federal Brasileira. Foi considerado um erro absoluto de 5%, estimativa de prevalência de TMC de 50% (com o objetivo de maximizar a amostra) e grau de confiança de 95%, determinando-se uma amostra mínima de 305 docentes. A técnica de amostragem utilizada foi a estratificada proporcional, tomando como parâmetro o número de docentes de cada unidade acadêmica. Nestas unidades, os docentes eram escolhidos aleatoriamente, independentes do gênero, carga horária de trabalho, formação e inserção em programas de pós-graduação.

Foi construído um banco de dados especificamente para este estudo, utilizando o programa computacional Epi Info 7.1.3. A sequência da análise estatística seguiu as seguintes etapas: análise bivariada aplicando o teste *Qui-quadrado* (χ^2) ou teste Exato de *Fisher* para comparação de proporções entre as variáveis categóricas e para análise de variáveis numéricas foram utilizados os testes *t de Student* ou *Wilcoxon* para médias e medianas, respectivamente; *Odds Ratio* (OR) e intervalo de confiança de 95% foram empregados para quantificar a associação entre as variáveis estudadas e os TMC. Foram realizadas análises multivariadas usando o modelo de regressão logística na seguinte sequência: 1 - seleção preliminar das variáveis da análise bivariada, incluindo aquelas em que $p < 0,20$; 2 - construção de modelos logísticos intermediários usando diferentes subgrupos (variáveis demográficas, antropométricas, carreira de docência, hábitos de vida, condições de trabalho), sendo mantidas nesses modelos variáveis que atingiram nível de significância de $p < 0,15$; 3 - construção de um modelo final, mantendo apenas as variáveis que atingiram níveis significativos de $p < 0,05$.

O questionário foi aplicado pelos próprios pesquisadores, nos institutos em que os docentes estavam lotados. Os professores se dispuseram a respondê-lo voluntariamente, sob o seu consentimento livre e esclarecido. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de Uberlândia, sob o número de parecer 1.628.031/2016.

RESULTADOS

Foram avaliados 351 docentes, com titulação variável de mestre, doutor e pós-doutor. A amostra foi, predominantemente, do sexo masculino (57,8%), com idade variando entre 26 e 71 anos e média de $44 \pm 9,8$ anos. Em relação à carreira de docência verificou-se tempo médio de docência

de $15,7 \pm 10,95$, sendo $13,6 \pm 10,2$ anos relacionados à docência universitária e $11,1 \pm 10,88$ anos exercidos na universidade onde foi conduzida a pesquisa. Do total de docentes entrevistados, 36,6% exerciam algum tipo de coordenação (de curso de graduação, pesquisa, extensão, laboratório didático) e 10,2% possuía bolsa de produtividade.

Quanto a função, dentre as quatro listadas à saber, ensino, pesquisa, extensão e gestão, 13,2% consideraram as quatro como sendo principais no seu cotidiano, 30,8% consideraram três destas, 39,0% apontaram duas como principais e 17% identificaram como sendo uma destas atividades a mais relevante. O ensino, pesquisa, extensão e gestão foram referidos como sendo a atividade preponderante em 95,1%, 79,5%, 37% e 23,6% entre os entrevistados, respectivamente. Quanto à carga horária, 93,2% apresentavam jornada de trabalho de quarenta horas, sob-regime de dedicação exclusiva.

Na avaliação auto descritiva dos antecedentes patológicos, constatou-se: 21,3% casos de dislipidemia (hipercolesterolemia; $\geq 240\text{mg/dl}$ para o colesterol total e hipertrigliceridemia, $\geq 200\text{mg/dl}$), 15,5% de hipertensão arterial sistêmica, 7,2% de doenças da tireoide, 6,9% de doenças osteomusculares, 3,4% de diabetes mellitus, 3,1% de doenças cardíacas e 1,7% de neoplasias. Foram citadas outras 36 patologias, como por exemplo: glaucoma, osteoporose, epilepsia, hepatite C, sarcoidose, acidente vascular cerebral, síndrome do cólon irritável e síndrome da imunodeficiência adquirida. Do total de entrevistados 42,3% fazem uso regular de alguma medicação para controle de doenças crônicas.

Verificou-se que 81,2% realizam atividade física, distribuída da seguinte forma: até 2 vezes por semana (36,4%), 3 vezes por semana (37,8%) e mais de 3 vezes por semana (25,8%). O Índice de Massa Corporal (IMC) médio foi de $25,3 \pm 4,2 \text{ Kg/m}^2$ (Min - Max: $13,1 \text{ Kg/m}^2$ - $44,7 \text{ Kg/m}^2$). O IMC normal foi detectado em 51,8% dos entrevistados (IMC entre 18,5 e $24,9 \text{ Kg/m}^2$), 37,5% classificados como pré-obesos (IMC entre 25 e $29,9 \text{ Kg/m}^2$), 5,5% apresentando obesidade classe I (IMC entre 30 e $34,9 \text{ Kg/m}^2$), 3% com obesidade classe II (IMC entre 35 e $39,9 \text{ Kg/m}^2$) e 1% com obesidade classe III (IMC maior que 40 Kg/m^2).

Quanto ao uso do computador em casa, 91,4% afirmaram fazê-lo, sendo 51,7% até 3 horas e 48,3% mais de 3 horas. Quanto ao hábito de fumar, 90,5% relataram não ser tabagistas, 4,89% afirmaram que fumam e 4,6% declararam-se como ex-tabagistas. Em relação ao consumo de bebidas alcoólicas, 57,6% afirmaram sua ingestão.

Em se tratando das condições do ambiente de trabalho, foi apontada exposição à radiação ionizante por 8,0% dos docentes, exposição a produtos químicos por 26,8%, exposição a agentes biológicos por 22,8%, ruído elevado por 24,5 %, iluminação inadequada por 19,6%, calor por 25,9%, mobiliário inadequado por 24,5% e ritmo acelerado de trabalho por 57,5% dos docentes.

Foi relatado relacionamento ruim com os colegas por 21,8% dos entrevistados e relacionamento ruim com a chefia por 7,1%. Foi constatada satisfação com a atividade laboral de docência exercida em 98,9% dos participantes da pesquisa.

O rastreamento sobre o estado de saúde mental dos docentes detectou TMC em 104 (29,6%) dos entrevistados.

Todas as variáveis pesquisadas foram analisadas em relação à positividade para TMC. Aquelas que, na análise bivariada, obtiveram valor de $p \leq 0,20$ foram apresentadas nas tabelas 1 e 2 e incluídas no modelo de regressão logística.

Foi identificada maior prevalência de TMC em docentes do sexo feminino (35,1%), docentes que exercem alguma atividade de coordenação (36,2%), que não praticam atividade física (42,4%) e não consomem bebida alcoólica (33,7%), porém somente para a prática de exercícios físicos houve significância estatística, sendo considerado fator de proteção contra o desenvolvimento de TMC ($p=0,02$) (Tabela 1).

Na análise bivariada entre TMC e condições do ambiente laboral, organização do trabalho e satisfação com a atividade laboral entre docentes, foram considerados como fatores de risco: ritmo acelerado de trabalho, calor, relacionamento ruim com os colegas de trabalho e com a chefia. Foram considerados fatores de proteção o mobiliário e iluminação adequados (Tabela 2).

Tabela 1: Associação entre transtornos mentais comuns e variáveis sociodemográficas, carreira de docência e estilo de vida entre docentes de uma Universidade Federal Brasileira, 2016. ($p \leq 0,20$)

Variáveis	Transtornos Mentais		OR (IC95%) ^a	Valor de p ^a
	Comuns	%		
Sexo				
Masculino	25,6		0,6 (0,40-1,02)	0,07
Feminino	35,1		1,0	
Exerce atividade de coordenação				
Sim	36,2		1,5 (0,99-2,66)	0,07
Não	26,4		1,0	
Exercício físico				
Sim	26,7		0,49 (0,28-0,86)	0,02
Não	42,4		1,0	
Consumo de bebida alcoólica				
Sim	26,8		0,72 (0,45-1,15)	0,20
Não	33,7		1,0	

^a Teste do qui-quadrado.

Tabela 2: Associação entre transtornos mentais comuns, condições do ambiente laboral, organização do trabalho e satisfação com atividade laboral entre docentes de uma Universidade Federal Brasileira, 2016. ($p \leq 0,20$)

Variáveis	Transtornos Mentais Comuns		OR (IC95%) ^a	Valor de p ^a
	Comuns	%		
Ritmo acelerado de trabalho				
Sim	39,3		3,2 (1,92-5,43)	<
Não	16,8		1,0	
Calor				
Sim	37,9		2,14 (1,34-3,44)	0,002
Não	22,2		1,0	
Mobiliário adequado				
Sim	25,0		0,54 (0,33-0,86)	0,01
Não	38,2		1,0	
Iluminação adequada				
Sim	24,9		0,42 (0,25-0,70)	0,001
Não	44,1		1,0	
Ruído elevado				
Sim	37,2		1,58 (0,94-2,65)	0,10
Não	27,2		1,0	
Exposição a agentes biológicos				
Sim	37,5		1,59 (0,93-2,69)	0,10
Não	27,3		1,0	
Relacionamento ruim com os colegas				
Sim	54,0		3,94 (2,31-6,77)	<
Não	22,8		1,0	
Relacionamento ruim com a chefia				
Sim	52,0		2,78 (1,20-6,46)	0,02
Não	27,9		1,0	
Gosta do que faz				
Sim	28,8		-	0,007 ^b
Não	100		-	

^a Teste do qui-quadrado. ^b Teste de Fisher.

Na análise de regressão logística múltipla, mantiveram-se associadas à TMC, apenas, a prática de exercícios físicos, como fator protetor, além do ritmo acelerado de trabalho e relacionamento ruim com os colegas de trabalho, como fatores de risco (Tabela 3).

Tabela 3: Modelo final de regressão logística e análise bivariada (variáveis individuais) entre docentes de uma Universidade Federal Brasileira, 2016

Variável	Variáveis Individuais OR não ajustada (IC 95%)	Modelo Completo OR ajustada (IC 95%)
Prática de exercícios físicos	0,49 (0,28 - 0,86)*	0,53 (0,30 - 0,97)*
Ritmo acelerado de trabalho	3,2 (1,92 - 5,43)**	2,09 (1,17 - 3,70)*
Relacionamento ruim com os colegas de trabalho	3,94 (2,31 - 6,77)**	2,72 (1,54 - 4,82)**

* $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

DISCUSSÃO

Este estudo detectou a prevalência de TMCs em 104 (29,6%) dos entrevistados. Dentre os fatores analisados que tiveram relação com a prevalência de TMC, destacou-se a atividade física, que foi relatada por 81,2% dos participantes do estudo e manteve-se como fator de proteção na análise bivariada e no modelo final de regressão. A prática de atividade física tem mostrado eficiência na prevenção e tratamento de diferentes anormalidades psicopatológicas (ZSCHUCKE; GAUDLITZ; STROHLE, 2013). Estudos já mostraram a proteção conferida pela prática de atividade física em sintomas de depressão e ansiedade e também em outros transtornos como esquizofrenia e demência. Inclusive, efeitos neuroprotetores, ansiolíticos dentre outros mecanismos de ação tem sido discutidos (HARVEY et al., 2010; ZSCHUCKE; GAUDLITZ; STROHLE, 2013). Em programas de saúde do trabalhador, em especial aqueles que lidam com promoção e prevenção da saúde, deve ser imperativo a adoção da prática de atividades físicas rotineiramente.

O relacionamento ruim com os colegas de trabalho e com a chefia se mostrou como fator de risco para TMCs na análise bivariada, permanecendo no modelo final apenas o primeiro. As relações interpessoais são importantes no ambiente de trabalho psicossocial, e relações ruins podem afetar a saúde, a satisfação no trabalho e a produtividade. O ritmo acelerado de trabalho também se manteve como fator de risco importante para TMCs. Um estudo de coorte sueco obteve achados importantes para a compreensão do desenvolvimento de transtornos mentais relacionadas ao trabalho. Foi concluído que as altas demandas de trabalho podem influenciar nos relacionamentos interpessoais prejudiciais no trabalho e vice-versa. De fato, altas demandas podem estar associadas à sobrecarga de trabalho de alguns trabalhadores em relação a outros. Além disso, outros fatores como estresse e fadiga favorecem o desgaste nas relações interpessoais, principalmente em um ambiente laboral inadequado (STOETZER et al., 2009).

Apesar de não permanecerem no modelo final do estudo, o calor se apresentou como fator de risco na análise bivariada, assim como o mobiliário e iluminação adequada foram classificados como fator de proteção. Em geral, fatores ergonômicos e físicos não são explorados nos estudos de prevalência de TMCs no trabalho, porém assim como o estresse, insatisfação e conflitos no ambiente social de trabalho, estes fatores contribuem com um efeito sinérgico na gênese dos transtornos e têm sido recentemente explorados (STOETZER et al., 2009; THAYER et al., 2010).

Em um estudo na Noruega, os resultados indicaram que os fatores relacionados ao trabalho podem afetar as mulheres e os homens de maneira diferente, porém, neste estudo não foi feita esta estratificação (OLSEN et al., 2015)

LIMA e LIMA-FILHO (2009), relatam que os docentes apresentam exaustão emocional, considerando a elevada manifestação de sintomas como nervosismo, estresse, cansaço mental, esquecimento, insônia e afirmam que estes dados constituem importantes indicativos sobre os processos de trabalho atualmente em instituições universitárias públicas brasileiras. Baseado no presente estudo e em revisão da bibliografia verifica-se que tanto nas IES públicas, quanto privadas, a sobrecarga de trabalho e/ou ritmo acelerado de trabalho, compreendido como trabalho acima das possibilidades do

sujeito (sendo esta uma avaliação subjetiva por cada indivíduo que participou da pesquisa), bem como conflitos nas relações interpessoais, estão presentes e associados ao desencadeamento de TMCs. Em geral, os docentes estão envolvidos em atribuições de ensino, pesquisa, extensão e gestão, em diferentes proporções de acordo com o perfil e cargo ocupado. Esta mescla de atividades pode, de fato, afetar sobremaneira a saúde mental dos docentes, haja visto que todas elas estão associadas à necessidade de concentração, grande responsabilidade, interação humana entre outros fatores.

COSTA (2016) identificou três subcategorias temáticas, como causadoras do sofrimento no trabalho docente: 1 - o produtivismo acadêmico, expressão utilizada no meio acadêmico que se refere à quantidade de publicações, à pressão para publicar e aos meios e as estratégias para tal, sendo uma denominação com características negativas em que a tendência é a produção de quantidade acima da qualidade, situação cotidiana de trabalho vivenciada pelos docentes universitários, sobretudo nas universidades públicas, que se materializa na expressão “*publish or perish*”, em português “publique ou pereça” (ZUINI; BIANCHETTI, 2015); 2 – a onipresença, porque tem várias atividades e atribuições simultâneas e necessita executá-las todas com excelência e dedicação, como sala de aula, orientação acadêmica, participação em reuniões, comissões, funções e atividades administrativas que às vezes ocorrem aparte de seu interesse e de sua carga horária na instituição; 3 – desgaste nas relações de trabalho, como todos os laços humanos criados pela organização do trabalho, que neste caso configuram as relações com os alunos, com os colegas de trabalho e com a hierarquia, podendo estas relações tornarem-se conflitantes no cotidiano frente às divergências de interesse e competitividade.

CONCLUSÃO

Constata-se que as doenças ocupacionais anteriormente originadas pela desorganização ergonômica, levando a doenças osteomusculares e disfonias, relacionadas ao trabalho do professor universitário, vão abrindo espaço para doenças relacionadas à sobrecarga, ritmo acelerado de trabalho, conflitos interpessoais, com grande desgaste mental, predispondo ao desenvolvimento de transtornos mentais, contribuindo também para o desencadeamento e/ou agravamento de outros transtornos como os distúrbios metabólicos e cardiovasculares.

É fundamental a adoção de práticas para promoção da saúde com campanhas sobre o autocuidado, principalmente, incentivando a realização de atividade física, assim como a busca de equilíbrio no trabalho com manutenção de cordialidade entre os atores envolvidos no ambiente laboral.

A realização de exames periódicos de rotina constitui uma importante ferramenta dos servidores públicos para prevenção de agravos à saúde como dislipidemias, HAS, diabetes, assim como o acompanhamento médico regular para tratamento das patologias já instaladas.

Conflitos de interesse: não há.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BALDAÇARA, L. et al. Common psychiatric symptoms among public school teachers in Palmas, Tocantins, Brazil. An observational cross-sectional study. **Sao Paulo Medical Journal**, São Paulo, v.133, p.1-4, 2015. <https://doi.org/10.1590/1516-3180.2014.8242810>

BASTOS, M. L. M. et al. Afastamentos do trabalho por transtornos mentais: um estudo de caso com servidores públicos em uma instituição de ensino no Ceará, Brasil. *Revista Brasileira de Medicina do Trabalho*, v. 16, n.1, p. 53-59, 2018. <https://doi.org/10.5327/Z1679443520180167>

BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação e Sociedade**, v. 28, n. 101, p. 1503-1523, 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000400012>

BREILH, J. **Conceptos y técnicas de investigación - guía pedagógica para un taller de metodología**. Série “Epidemiologia Crítica”, Quito, CEAS, nº 3, 1994.

- CARAN, V. C. S. et al. Riscos ocupacionais psicossociais e sua repercussão na saúde de docentes universitários. **Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro (RJ), v. 19, n. 2, p. 255-261, 2011.
- CARLOTTO, M. S. Prevalência de Afastamentos por Transtornos Mentais e do Comportamento Relacionados ao Trabalho em Professores. **Psi Unisc**, v. 3, n. 1, p. 19-32, 2019. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v3i1.12464>
- CORTEZ, P. A. et al. A saúde docente no trabalho: apontamentos a partir da literatura recente. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, p.113-122, 2017. <https://doi.org/10.1590/1414-462x201700010001>
- COSTA, D. L. **Análise da relação entre saúde mental e trabalho de docentes universitários**. 2016. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. Prevalência de transtornos mentais comuns em professores da rede municipal de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 2679-2691, 2006. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006001200017>
- GOLDBERG, D. P. **Manual for the General Health Questionnaire**. Sussex: DJS Spools. 1978.
- GOLDBERG, D. P.; GATER, R.; SARTORIUS, N. et al. The validity of two versions of the GHQ in the WHO study of mental illness in the general health care. **Psychological Medicine**, 27, 191-197. 1997. <https://doi.org/10.1017/S0033291796004242>
- GOLDBERG, D. P.; HILLIER, V. F. A scaled version of general health questionnaire. **Psychological Medicine**, v. 9, p.131-145. 1979. <https://doi.org/10.1017/S0033291700021644>
- HARVEY, S. B et al. Physical activity and common mental disorders. **The British Journal of Psychiatry**, Londres, v. 197, p. 357-64, 2010. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.109.075176>
- LIMA, M. F. E. M.; LIMA FILHO, D. O. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Revista Ciências & Cognição**, v. 14, n. 3, p. 62-82, nov., 2009.
- LOPES, C. L et al. Direct and indirect exposure to violence and psychological distress among civil servants in Rio de Janeiro, Brazil: a prospective cohort study. **BMC Psychiatry**, Londres, v.15, p.109, 2015.
- LOPES, C. S et al. ERICA: prevalência de transtornos mentais comuns em adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, p. 14s, 2016. <https://doi.org/10.1186/s12888-015-0487-9>
- LUCHESE, R. et al. Prevalence of common mental disorders in primary health care. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 27, p. 200–207, 2014. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201400035>
- LUDERMIR, A. B et al. Common mental disorders in late pregnancy in women who wanted or attempted an abortion. **Psychological Medicine**, Londres, v. 40, n.9, p. 1467-73, 2010. <https://doi.org/10.1017/S003329170999184X>
- MACHADO, L. C. **Rastreamento de transtornos mentais comuns entre os professores da rede municipal de ensino, Uberlândia, Minas Gerais** [Dissertação]. Uberlândia (MG): Universidade Federal de Uberlândia; 2017.
- OLSEN, I. B, et al. Exploring Work-Related Causal Attributions of Common Mental Disorders. **Journal of Occupational Rehabilitation**, v. 25, p. 493-505, 2015. <https://doi.org/10.1007/s10926-014-9556-z>
- RESENDE, M. R. S. **Formação e autonomia do professor universitário: um estudo da universidade federal de Goiás**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005.
- RIBEIRO, J. L.; ANTUNES, S. Contribuição para o estudo de adaptação do questionário de saúde geral de 28 itens (General Health Questionnaire – GHQ28). **Revista Portuguesa de Psicossomática**, Portugal, vol. 5, n. 1, p. 37-45, junho, 2003.
- RIBEIRO, L. H.; PAIS, J. L. et al. Ulterior validação do questionário de saúde geral de Goldberg de 28 itens. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, vol. 16, n. 3, p. 278-285, dezembro, 2015. <https://doi.org/10.15309/15psd160301>

ROCHA, S. V. et al. Prevalence of common mental disorders among the residents of urban areas in Feira de Santana, Bahia. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 630-40, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2010000400008>

SANTOS, E. G.; SIQUEIRA, M. M. Prevalência dos transtornos mentais na população adulta brasileira: uma revisão sistemática de 1997 a 2009. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, São Paulo, v. 59, p. 238–246, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0047-20852010000300011>

SILVA, P. A. S. et al. Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados entre idosos de um município do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.23, p. 639-646, 2018. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018232.12852016>

STOETZER U et al. Working conditions predicting interpersonal relationship problems at work. **European Journal of Work Organizational Psychology**, v. 18, p. 424-441, 2009. <https://doi.org/10.1080/13594320802643616>

THAYER, J. F. et al. Effects of the physical work environment on physiological measures of stress. **European Journal Cardiovascular Prevention and Rehabilitation**, v. 17, p. 431-9, 2010. <https://doi.org/10.1097/HJR.0b013e328336923a>

TOSTES, M. V. et al. Sofrimento mental de professores do ensino público. **Saúde em Debate**, v. 42, n. 116, p. 87-99, 2018. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811607>

ZSCHUCKE, E.; GAUDLITZ, K.; STRÖHLE A. Exercise and Physical Activity in Mental Disorders: Clinical and Experimental Evidence. **Journal of Preventive Medicine and Public Health**, v. 46, p. s12-s21, 2013. <https://doi.org/10.3961/jpmph.2013.46.S.S12>

ZUIN, A. A. S, BIANCHETTI, L. O produtivismo na era do “publique, apareça ou pereça”: um equilíbrio difícil e necessário. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, p. 726-750, 2015. <https://doi.org/10.1590/198053143294>